

UM OLHAR SEMIOTICO NO DISCURSO FOLCLORICO DA FOLIA DO DIVINO DO JARDIM DAS AROEIRAS COM FUNDAMENTOS NA HISTORIOGRAFIA LINGUISTICA.

Wilton César BARRETO

1. Introdução

Perguntamos para nós mesmos quando vimos o grupo pela primeira vez: o que esse bando de senhores, mulheres e jovens estão fazendo aqui, na rua, num bairro cercado de igrejas evangélicas, entoando rezas que devem ter mais de 100 anos? Deve ser a pergunta que todos fazem quando não conhecem o que é uma folia (de reis, do divino, etc.).

Este trabalho é a tentativa de responder essa pergunta, trabalho que primeiramente serviu de base para um projeto de mestrado, e que junto vieram descobertas surpreendentes.

Nós pesquisadores principalmente na área da semiótica e da historiografia, temos a providência de ter que trabalhar muitas vezes com o contato direto com a realidade, assim como fizemos: fomos obrigados a andar com eles, com chuva ou com sol, conversar, entrosar para poder fazer o trabalho.

Voltando a pergunta, esse grupo foi sendo descoberto quando fomos convidados por um pesquisador para acompanhá-lo em sua pesquisa de doutorado, na área da geografia, e a partir desse momento fomos descobrimos o grupo, aparentemente sem importância, mas que estavam fazendo um trabalho de resgate histórico, da língua, dos costumes..., e que parte dos seus membros, sabiam disso. Podemos achar com certeza que quando pessoas fazem grandes ações (um grupos como esse), se constata sempre que “eles não sabem o que estão fazendo realmente”.

A seu modo, principalmente, o líder deles nos impressionou.

Por tudo isso, o grupo de folia do divino do jardim das aroeiras nos causou interesse por suas particularidades que fazem dele um dos mais ativos e conhecidos de Goiânia.

2. Como nasceu o grupo.

Seu Miguel, que sendo pedreiro como profissão, é que o personagem principal, pois sendo o capitão é dele toda a responsabilidade do grupo de folia que ele fundou com propósitos bem definidos: foi uma promessa que o obrigou a fazer, mas que depois foi indo para outros caminhos.

O grupo de folia do divino foi assim criado dentro do grupo de folia de reis que já existia e que também foi criado pelo seu Miguel.

Ele com o tempo foi modificando o grupo, de acordo com o ambiente (o bairro Jardim das Aroeiras), foi retirando regras antigas, como a bebida, a proibição de mulheres, de jovens, para que o grupo possa fazer a sua principal função: deveria trazer a importância da folia como recurso de aproximação para o resgate do modo de conviver dos moradores desse bairro, que quase a maioria veio da “roça”.

Mais que uma festa folclórica e religiosa, hoje ela é um motivo de famílias, vizinhos, independente da idade, da religião, de festejar e conversar como eles faziam na “roça”.

3. A nossa integração com o grupo.

Ao freqüentar durante os três dias o grupo, sentimos a necessidade de interagir com os seus participantes e eu toquei até um instrumento que se chama caixa. Isso foi facilitado porque eu já toco alfaier em outro grupo de percussão (coró de pau).

Para fazer a pesquisa o capitão exigiu de nós que tínhamos que trajar o mesmo modelo de camisa azul, muita parecida com uniforme escolar, porque era o vestimento obrigatório para todos que acompanham a folia. Essa integração foi benéfica porque me nós deram oportunidade de se aproxima dos foliões (é assim que eles gostam de serem chamados), e poder aprofundar a nossa pesquisa.

Essa valiosa aproximação de deus a clareza de entender de que apesar das brincadeiras, e de uma aparência quase que desleixada dos participantes, a folia para eles é muito importante, e levam muito a sério: não aceitam questionamentos sobre os rituais, sobre as músicas e por fim acreditam no poder que a folia trás, tanto para eles como para os moradores que aceitam as visitas.

Na hora das cantorias dentro das casas acabam-se os sorrisos e piadas, ficam sérios, e cada um se posiciona para fazer a sua parte.

4. Problema encontrado pelo grupo.

O problema principal foi também descoberto, e não eram as igrejas evangélicas, nem o modo de vida da cidade grande, mas sim o desconhecimento do que é a folia. Isso se deve, segundo o Seu Miguel, às novas gerações que já nasceram na capital e não conhece a folia, e nem o modo de vida e de convivência dos seus pais e avós, que vieram da zona rural.

5. Soluções para o problema

Por isso ele fez escola, mesmo sem o apoio direto da Igreja católica que lá se encontra uma paróquia, para que os jovens soubessem o que é uma folia. Interessante, é que com eles (os jovens), ele nunca obrigou a ninguém usar roupas muito coloridas, estilizadas; no máximo a camisa azul, muito parecida com a que os alunos da rede pública usam.

6. O vídeo

Resolvemos fazer um vídeo, para poder mostrar aquilo que só imagens podem: o sorriso, a descontração, que esse grupo demonstra.

No vídeo, o seu Miguel virou propositadamente como o narrador, porque identificamos que o grupo em geral (os homens, as mulheres, os jovens e os outros), tem uma aproximação e uma semelhança de atitudes a ações, que parece que foram escolhidos “a dedo”, pelo seu Miguel; ele não é só o líder, mas o exemplo de todos.

Apesar de já fazermos parte do grupo, e que já tínhamos feito alguns gestos para nos misturar com os foliões, e até alguns ritos tivemos que fazer, mesmo com a câmera na mão (ao passar por baixo da bandeira); conseguimos a descontração máxima dos membros, que podemos assim trazer para o filme, imagens de ações verdadeiras, sem montagem, mesmo que prejudicasse algumas vezes a qualidade do vídeo; e na pesquisa em si que podíamos ouvir as conversas mais pessoais, explicações sobre os ritos, enfim tivemos a oportunidade de aprofundar a pesquisa.

Mas do outro lado ainda sentíamos separado, não conseguimos muita aproximação, vários motivos nos cercam a nossas mentes, mas a principal pode ter sido a nossa linguagem, as nossas falas até pode ter sido a maneira de se vestir (não quisemos vestir igual a eles, pois estaríamos tentando mesmo que não fosse à intenção, de mascarar ou disfarçar a nossa realidade), tanto que os jovens nos questionaram se éramos estrangeiros (italiano, tanto que tivemos que mostrar as carteiras de identidade para encerrarmos a questão).

7. Características principais que encontramos neste grupo de folia do divino:

(1) As entoadas que foram criadas pelo seu Miguel tem muita familiaridade com as da folia de reis. Segundo ele, é a única do gênero que se tem notícia, e como nós já vimos outras, por em quanto concordamos com ele. Mas as rezas e preces eram um pouco diferentes das para os Santos Reis, faz sentido já que eles agora estavam cantando era para o Divino Espírito Santo.

Sentimos que o grupo é um corpo vivo como seus membros, porque eles articulam e modificam-no de acordo com as necessidades, começando de uma folia de reis indo para uma folia do divino.

Essa última pode ter o ano todo, é mais simples por não necessitar de algumas figuras obrigatórias, que a folia dos reis tem (o palhaço).

Não ter o palhaço na frente e as figuras ou santos modificados e expressos na bandeira são as diferenças mais nítidas que podem ser claramente reparadas.

Vale lembrar que estamos em Goiás, terra do divino pai eterno, um ícone da igreja católica que atrai devotos até fora do estado, desse modo ela ficou mais conhecida e aceitável, têm mais oportunidade de entrar nas casas, e com as cantorias muito parecidas com as dos Reis, ele executa o resgate e o ensino do que é uma Folia.

Essa aproximação tornou mais fácil a transição e organização do grupo e que foi bem aceito pelas comunidades inicialmente.

(2)Os membros: apesar de o grupo ser novo (tem menos de 2 anos), todos participam também da folia dos reis do bairro, assim já se conhecem e tocam e cantam há mais tempo já que fazem parte da folia dos santos reis, (os mais velhos 20 anos).

(3)Eles são em torno de 30 elementos, formado por amigos, vizinhos e parentes entre si, crianças, jovens, adultos e idosos, homens e mulheres, e que tem participações sem distinção; e que seu Miguel apóia essa idéia.

(4)Tanto que a maioria dos foliões (assim que gostam de serem chamados) tem menos de 20 anos (70%), a metade são mulheres, e já tem até uma folia Mirim (o seu Miguel acha que é a única que ele conhece), e tem um capitão com 19 anos.

(5)As mulheres tocam, cantam e podem até se tornar capitãs de folia do divino (e não a dos reis).

(6)Não tem padre ou algum representante da igreja católica que participam da folia.

(7)São divididos em: o capitão (tem que saber mais de 750 rezas ou preces), o embaixador – são os que cantam, fazem as perguntas para os demais responderem (tem que saber mais de 250 rezas e preces), cantadores - que vão desde da 1ª à 6ª voz e responde para o embaixador, tocadores – (violão, viola, cavaquinho, caixa, pandeiro, e a sanfona), e pagadores de promessas.

(8)O capitão aqui é chefe ou o líder que comanda tudo (seu Miguel).

(9)São chamados visitas, quando eles entram nas casas e fazem as bênçãos, e pousos quando entram nas casas por causa do almoço e do jantar.

(10)Para que tudo isso aconteça, eles aceitam doações em comida, e em dinheiro para os instrumentos, mas não é obrigatório o dono da casa contribuir. Ninguém recebe salário ou alguma ajuda, no máximo ajuda de transporte quando tem que se deslocar para longe de casa.

8. Como é a organização e a trajetória de uma folia do divino.

A folia do divino tem como ação principal em entrar nas casas, agradecer-las junto com os seus residentes, com a proteção e a benção divina. No vídeo já começa mostrando o grupo pela manhã nas ruas, mas ela começa mesmo é dentro da casa do devoto, onde rezam e saem passando por baixo da bandeira (eu no vídeo fiz), saem e começam nas ruas o trabalho da Folia do divino, onde começa tudo.

Eles visitam as casas pela manhã num caminho na hora escolhido e só interrompem , quando entram na casa que vai oferecer o almoço, dentro da casa eles rodeiam a mesa com a comida posta, rezam e cantam, ao terminar iniciam o almoço.

Neste intervalo os membros conversam sobre o trajeto feito pela manhã, e tentam se orientar para as visitas.

Depois de 2 horas eles saem de novo, e fazem tudo igual que fizeram pela manhã, porém mais prolongado e desgastante.

Durante todo o percurso, os membros, principalmente o tocadores e cantadores, se revezam para agüentar 4 horas de caminhada tocando e cantando até chegar perto da casa do pouso final do dia, que é a janta.

Do mesmo modo entram cantando, pedindo passagem, porém, as rezas são maiores porque não abençoam a casa e a comida, mas todos que participaram da folia, inclusive os moradores que aceitaram as visitas, nada é esquecido.

A parte da benção da mesa com a comida, principalmente nos pousos para almoço e jantar, é a parte mais divertida e aceita, porque o embaixador e o capitão improvisam rimas e mechem com os foliões, onde todos aceitam essas brincadeiras com muita risada e descontração.

9. O local em que giram a folia do divino

O bairro jardim das aroeiras fica na zona leste de Goiânia tem uma população (IBGE de 2002) de 4.000 habitantes, um bairro cercado por seminários da igreja católica que não permite o seu crescimento físico. 74% dos chefes de família ganham menos de 5 salários, 41% dos moradores têm entre 10 e 29 anos, como toda periferia faltam praças, estrutura para o laser, oportunidade de emprego e com isso faz que os jovens e moradores tenham que estudar trabalhar e se divertir em outras regiões de Goiânia.

O bairro nasceu de uma invasão a mais de 20 anos. Na sua maioria os seus moradores vieram no interior de Goiás e de Minas Gerais. Todo urbanizado, com poucos terrenos desocupados, e todo asfaltado. O bairro é muito montanhoso, o que dificulta fazê-lo todo a pé, o que fizemos nesta folia do divino.

10. As rezas: o momento mais importante das visitas

Existe de acordo com seu Miguel, mais de 1250 rezas e preces, tem para todo tipo de problema: para o falecido, para o doente, para problemas financeiros e outros.

Porém aos aproximarmos reparamos que na maioria das vezes existem rezas não foram escritas e parece que foram feitas na hora. A explicação do seu Miguel é que o capitão, o embaixador e até os foliões mais velhos, sentem o problema, como alguém que esta doente e manda um recado, ou o falecido que manda um aviso ou e quer eles cantem para ele.

Quando isso acontece, normalmente o morador não sabe, e o embaixador no momento conversa no pé de ouvido do morador, e mudam de repente a cantoria e passam a cantar as preces que foram pedidas.

Para quem que esta de fora, o convidados, não percebe o que esta acontecendo, é muito sutil e sem alarde que esses momentos acontecem.

Para a maioria as folias são festas católicas, mas o que podemos observa, pelos menos neste grupo, é o sincretismo religioso, o que me responde do porque que durante os dias em que passei com o grupo, nenhum representante da igreja católica acompanhou (mesmo visitando duas igrejas católicas no bairro, reparei que os padres eram muito jovens e discretos), esse padres que aceitaram a folia, são também estudiosos do folclore e são mais abertos do os padres mais velhos.

Conseguimos descobrir que apesar da maioria dos foliões serem católicos, há entre eles e sem medo de serem descobertos (todos sabem...), espírita, evangélico, membros do Santo Daime, e até seguidores da Umbanda e do Candomblé.

No vídeo o seu Miguel falou que os três reis o liberaram para que ele fundasse o grupo.

As rezas serão um importante instrumento para a continuação desse trabalho, porque reparo que as palavras, os gestos e os seus significados são com certeza, uma fonte inexplorável para a historiografia lingüística.

11. O futuro: a folia mirim

Dentro do grupo tem a folia mirim: são os foliões que menos de 18 anos, juntos com alguns mais velhos e também jovens, e que tem no capitão que já foi mencionado neste texto e que tem 20 anos, o seu líder.

Em algumas visitas e pousos eles ficaram no comando, para o seu Miguel a sua folia é uma escola, e que a continuação da folia esta na adaptação e na oportunidade que ele dá aos jovens de participar ativamente da folia.

Ele conta que a folia antiga era proibida para menor, já que tinha a bebida (normalmente a cachaça), e que era proibido também deixar a folia em nenhum dos dias (eram mais de 20 dias). Hoje ele aceita que o folião trabalhe ou resolve os seus problemas e mais tarde ou outro dia, volte para a folia.

Não tem idade para tocar qualquer instrumento ou cantar, e como a sua folia é registrada na prefeitura, ele pode dá atestado de que participou de um evento cultural e folclórico, importante para os jovens que estão estudando (alguns já seguem a carreira universitária).

A única bronca é com os namorados: são proibidos de ficar beijando, se encostando durante a folia, mesmo fora das casas e acompanhando (reparei que os jovens estão sempre acompanhados de seus pares).

12. Considerações finais

O grupo é muito respeitado e conhecido, durante o ano todo o grupo visita escolas, creches e participam de eventos; vão a outros bairros e até em cidades em torno de Goiânia para apoiar outros grupos (assim foi no jardim primavera que foram 7 dias e no jardim das aroeiras, foram 3 dias).

O seu Miguel ensina a tocar, a cantar, e formar capitães de folia. Segundo ele para ser capitão tem que conhecer 750 preces e rezas, porque tem que satisfazer qualquer vontade do morador, exemplo: proteção e a benção para um enfermo, para algum falecido, para arranjar emprego, e outros...

Ele e seu grupo são grandes divulgadores da folia.

Finalizando, o modo que o grupo enfrenta os novos desafios, com clareza e visão, tem destacado esse grupo dos demais, e esses desafios são muitos, como já foi mostrado:

O resgate e a demonstração de importância da folia do divino, atrair jovens, e até agir de modo respeitoso com a diversidade religiosa.

Quando o seu Miguel esta à frente, e até porque é folia do divino (Deus), e não um santo, os evangélicos aceitam a entrada da folia do divino para dentro dos seus lares; ele também ensina como devem os foliões e futuros capitães, a se comportar nessas ocasiões (evitar conversas, ave Maria, brincadeiras, a não confrontação).

O grupo identificou que o desconhecimento ou a falta de informação, são os seus grandes inimigos e que cada visita feita, é o modo de combater-los.

Foi uma estada muito proveitosa, aprendemos a sermos pesquisadores.

Resolvemos trabalhar com a historiografia, contando como surgiu, e encontrando os motivos verdadeiros para o aparecimento desse grupo de folia, e deixando as interpretações sobre a realidade atual com cada um que assistir ao filme ou ler a monografia de final de trabalho.

Referências

BAKHTIM, Mikail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986, 3ª ed.

BURKE, Peter. *A escola dos Annales 1929-1989. A revolução francesa da historiografia*. São Paulo: EDUNESP, 1991. Trad. de Nilo Odália.

COSERIU, Eugenio. *"Sulla tipologia linguistica di Wilhelm von Humboldt. Contributo alla critica della tradizione linguistica"*. LINGUA E STILO 2 (1973): 235-265. Tradução de Giulia Cantarutti.

----- *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/EDUSP, 1979. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira.

FIORIN, José L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo, Contexto, 2001.

GREIMÁS, A.J. *Semântica estrutural*. São Paulo, Cultrix, 1973.

----- *Semiótica do discurso científico. Da modalidade*. São Paulo, Difel, 1976. Trad. de Cidmar T. Pais.

LABORDA, Xavier. *Historiografía lingüística: veinte principios del programa de la investigación hermenéutica*. Revista de investigación lingüística nº1 – vol. V – 2002. Págs. 179-207.